

Uma semântica unificada para o prefixo *des-* no Português

A unified semantics for the Portuguese prefix *des-*

Emanuel Souza de Quadros*

RESUMO: Este artigo propõe uma semântica unificada para o prefixo *des-*, buscando derivar suas diversas interpretações, nos domínios verbal, nominal e adjetival, a partir de uma operação básica sobre estrutura escalar da base. Ao demonstrar que as distintas interpretações de *des-* podem ser derivadas de um significado básico, esta análise enfraquece o conteúdo empírico da hipótese de que os prefixos do português impõem uma subcategorização estrita sobre as suas bases. Numa interpretação dessa hipótese, ela levaria à proposição de ao menos três prefixos homônimos para dar conta dos usos de *des-*. Esta análise mostra que um só prefixo, de aplicação transcategorial é suficiente.

PALAVRAS-CHAVE: *des-*; subcategorização estrita; estrutura escalar; semântica de grau.

ABSTRACT: This paper proposes a unified semantics for the Portuguese prefix *des-*, which derives its various interpretations, in the verbal, nominal and adjectival domains, from a basic operation on the scalar structure of the base. In showing that the various interpretations of *des-* can be derived from a basic semantics, this analysis weakens the empirical content of the hypothesis that Portuguese prefixes impose strict subcategorization requirements on their bases. In one interpretation of this hypothesis, it would entail the assumption that there are at least three homonymous prefixes to account for the uses of *des-*. This analysis shows that a single prefix, applied crosscategorially, is enough.

KEYWORDS: *des-*; strict subcategorization; scale structure; degree semantics.

1 Introdução

Este artigo apresenta uma análise das propriedades semânticas e seletivas do prefixo *des-* no português do Brasil. Este prefixo pode ser adicionado a verbos, adjetivos e substantivos, como apresentado em (1), com

* Pesquisador de Pós-Doutorado na Universität Konstanz, Doutor em Linguística pela Universidade de Yale, Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul: emanuel.souza-de-quadros@uni-konstanz.de, ORCID: 0000-0003-0002-3635.

significados variados, caracterizados na literatura como reversativo, privativo e negativo.

- (1) a. desentortar (base verbal)
- b. desacreditar (base verbal)
- c. desleal (base adjetival)
- d. desamor (base nominal)

Proponho aqui uma análise unificada e transcategorial de *des-* em que este prefixo opera sobre predicados escalares, invertendo a polaridade das funções de medida a eles associadas. Crucialmente, esta análise se baseia no pressuposto de que há um componente de significado que pode ser compartilhado por classes de predicados de diferentes categorias morfossintáticas; neste caso, as escalas que medem o grau em que um predicado se aplica a uma entidade. Essa medição permite, também, que se obtenha a quantidade de mudança pela qual um tema passa durante um evento. As diferenças de interpretação entre diferentes predicados são derivadas da interação entre as propriedades de seu argumento escalar e as características semânticas particulares de cada categoria envolvida.

Esta análise é largamente baseada no estudo da medida de mudança de *achievements* de grau de Kennedy e Levin (2008), que adapto com o fim de caracterizar uma semântica para *des-* capaz de operar uniformemente sobre diferentes categorias morfossintáticas. Isso faz com que este estudo contraste com os anteriores, que ou assumem que esse prefixo não opera de forma uniforme sobre diferentes categorias morfossintáticas, ou se baseiam numa semântica pouco flexível, mais adequada a uma ou outra das categorias sobre as quais o prefixo atua.

2 Estudos anteriores

Vejamos três estudos prévios *des-* que apresentam um panorama das diferentes abordagens da morfossemântica deste afixo.

1.1 Silva e Miotto (2009)

Ainda que não apresente uma análise semântica formal de *des-*, o estudo de Silva & Miotto (2009) chamou atenção para o problema de como explicar que (o que parece ser) o mesmo afixo seja adicionado a palavras de diferentes categorias com significados distintos. Os autores defendem que a liberdade morfosintática deste prefixo é apenas aparente. Em vez disso, defendem que os prefixos do português impõem exigências estritas de subcategorização sobre suas bases, assim como o fazem, em geral, os sufixos da língua.¹ Uma motivação para essa análise seria a necessidade de evitar ambiguidade na descrição estrutural de palavras como *desmobilização*, para a qual três derivações possíveis seriam disponíveis a partir da base adjetival *móvel~mobil*, se assumirmos que *des-* não impõe uma subcategorização estrita.

- (2) a. [[[des + mobil]_A iza]_V ção]_N
b. [[des [mobil + iza]_V]_V ção]_N
c. [des [[mobil + iza]_V ção]_N]_N

Já que *des-* se afixa produtivamente a verbos, os autores defendem que a descrição correta é a (2b). Os contraexemplos mais evidentes em que *des-* é produtivamente adicionado a adjetivos, o que sugeriria que a derivação (2a) também é possível, são rejeitados com o argumento de que *des-* em *desmobilização* dá origem a um sentido 'reversativo'. A ideia é de que, quando adicionado a um verbo como *mobilizar*, o prefixo geraria um verbo que descreve

¹ Uma exceção importante é o sufixo diminutivo, que se aplica a substantivos, como em *substantivinho*, a adjetivos, como em *adjetivadinho*, ou mesmo a verbos, como em (i), com grifo meu. Este sufixo é interessante porque ele também tem uma semântica de grau. O presente artigo defende que a flexibilidade categorial de *des-* decorre de sua semântica, que opera sobre estruturas escalares (de grau). Sendo assim, esta análise tem a vantagem adicional de explicar também a flexibilidade do diminutivo.

(i) Apesar de negar que esteja namorando oficialmente, Sabrina teria dito aos amigos que está *namorandinho*, ou seja, conhecendo melhor e se envolvendo com Duda. (<https://www.dgabc.com.br/Noticia/1934316/sabrina-sato-estaria-se-envolvendo-com-duda-nagle-saiba-mais>, acesso em 01/11/2022).

a reversão do processo descrito pela base verbal; no caso, *desmobilizar*. Quando acrescentado a adjetivos, por outro lado, *des-* apenas negaria a propriedade expressada pela base, e.g. *desnecessário*, *desleal*, *desumano*.

Dada essa diferença de significado, os autores defendem que ter tanto verbos como adjetivos prefixados por *des-* caracterizaria um caso de homonímia afixal. O português, então, teria duas entradas lexicais, com significados e subcategorizações distintas, que podemos chamar de *des/V* e *des/A*, que selecionam verbos ou adjetivos, respectivamente. Esta hipótese torna possível aos autores sustentar que prefixos impõem exigências estritas de subcategorização, assim como a maioria dos sufixos da língua.

Neste artigo, defendo que uma análise transcategorial de *des-*, uma que não envolve múltiplas entradas lexicais, não apenas consegue dar conta das diferenças de significação que motivaram uma análise de homonímia, mas também consegue explicar por que a derivação (2a) pode ser descartada por razões independentes.

Note-se que nada na análise de Silva & Miotto (2009) explica por que uma palavra como **desmóvel*, correspondente ao passo derivacional intermediário em (2a) não seria bem formada. Esta forma deveria ser possível dada a pressuposição de que há um sufixo *des-/A* com uma semântica negativa. Outro problema que a análise enfrenta reside em assumir uma semântica de simples negação para *des-/A*, o que funciona bem em casos como *desnecessário*, visto que este adjetivo significa justamente 'não necessário'. Contudo, essa análise gera uma semântica incorreta nos casos em que a prefixação com *des-* dá origem a uma oposição contrária. Assim, *desagradável* não denota simplesmente 'não agradável'. Significa algo pior; e, de fato, um indivíduo pode ser descrito como não desagradável e, simultaneamente, não agradável, sem que haja uma contradição.

1.2 Medeiros (2010)

Medeiros (2010) também assume que *des-* nega uma propriedade ou um estado quando é adicionado a adjetivos, mas o autor estende a mesma análise aos domínios verbal e nominal, rejeitando a pressuposição de Silva & Miotto (2010)

de que prefixos em português geralmente impõem exigências estritas de subcategorização morfossintática.

Trabalhando dentro do paradigma da Morfologia Distribuída, o autor assume a seguinte representação semântica para o nó sintático cuja exponência é *des-*:

$$(3) \llbracket \text{NEG} \rrbracket = \lambda f_{(s_s, t)}. \lambda s [\neg f(s)]$$

A semântica pretendida é uma em que o morfema abstrato NEG toma como argumento uma eventualidade estativa (de tipo (s_s, t)) independentemente da categoria gramatical em que ela se instancia. A partir disso, a função semântica do prefixo retornaria o conjunto de estados caracterizados pela negação do estado denotado pela base.

- (4) a. papéis descolados (Medeiros, 2010, p. 110)
 $\lambda s. \neg \text{colado}(s, \text{papéis})$
- b. descolar os papéis (Medeiros, 2010, p. 110)
 $\lambda e \exists s. \neg \text{colado}(s, \text{papéis}) \wedge \text{CAUSE}(e, s)$
- c. desânimo (Medeiros, 2010, p. 116)
 $\lambda s. \neg \text{ânimo}(s)$

Um problema empírico que se apresenta de forma evidente a essa análise é o de que ela acarreta que verbos prefixados por *des-* deveriam todos ser télicos, dando origem a um estado resultante correspondente à negação do estado base, como demonstrado em (4b). No entanto, não é difícil encontrar contraexemplos como o seguinte, oferecido por Ribeiro (2014), com o verbo *descongelar*; não é claro, neste caso, como a análise de Medeiros (2010) poderia se estender a sentenças como (5).²

² Medeiros (2016, nota 5) traz alguns comentários acerca de exemplos desse tipo, admitindo que eventos de descongelamento e desentortamento, por exemplo, comportam-se de forma gradual. Entretanto, sua análise formal se mantém fundamentalmente a mesma de Medeiros (2010).

(5) O lago descongelou um pouco.

(RIBEIRO, 2014, p. 140)

Um problema empírico adicional a essa análise é que ela prevê que *des-* não poderia ser afixado a substantivos que não denotam estados, mas isso é contradito por casos como *desprefeito*, *desgoverno* e *desdança*. Certamente este padrão é menos produtivo, mas precisa ser incorporado a qualquer análise deste prefixo.

1.3 Ribeiro (2014)

Na análise de Ribeiro, a contribuição semântica de *des-* é a reversão da trajetória de mudança que estaria envolvida no significado da base verbal. Em termos da Semântica Conceitual adotada pelo autor, isso envolveria a substituição de um subpredicado locacional, TO, pelo subpredicado FROM na estrutura de evento do predicado em análise, como demonstrado em (6).

(6) a. *enterrar o tesouro*

[Event GO_{Circ} ([Thing TESOURO_i], [Path **TO**_{Circ} [State BEIdent ([Thing X_i], [Place ATIdent ([Property ENTERRADO)])])])]]]

b. *desenterrar o tesouro*

[Event GO_{Circ} ([Thing TESOURO_i], [Path **FROM**_{Circ} [State BEIdent ([Thing X_i], [Place ATIdent ([Property ENTERRADO)])])])]]]

O autor aceita o argumento de Medeiros (2010) contra propor uma semântica de reversão de processo para a afixação em *des-* no espírito de Silva & Miotto (2009). O argumento é de que em verbos como *desenterrar*, não é preciso ter havido um processo de enterramento que possa ser revertido. Tudo o que é acarretado pelo verbo em *des-*, na análise de Medeiros (2010), é que o estado de estar enterrado é negado, ou seja, ao fim do evento, o objeto da predicação não se encontra mais enterrado. Como ilustração, podemos conceber uma situação em

que um geólogo retira do solo um mineral presente desde a formação do planeta; o geólogo não estaria revertendo nenhum processo de enterramento, apenas negando a condição de enterrado do mineral, na perspectiva de Medeiros. Contudo, Ribeiro (2014) resgata uma versão da análise de reversão processual, ao propor que a semântica de *desenterrar* envolve a reversão da trajetória de mudança denotada pelo verbo enterrar. Nesta perspectiva, não é preciso que tenha havido um evento de 'enterrar' antes que algo possa passar por um evento de 'desenterrar'. Tudo o que é necessário é que ao passar pelo evento de 'desenterrar', o tema seja afetado por uma mudança na trajetória inversa àquela pela qual passaria caso fosse tema do verbo *enterrar*.

Como veremos, a análise proposta neste artigo, no que diz respeito ao domínio verbal, se aproxima da interpretação de Ribeiro (2014) da semântica do *des-*. Entretanto, esta interpretação é limitada aos verbos. O autor reconhece que seria desejável estendê-la pelo menos às formações deadjetivais, mas não é nada claro como isso poderia ser feito, visto que a análise depende de uma semântica eventual.

Mesmo na análise de verbos prefixados por *des-*, contudo, há espaço para melhoria na cobertura empírica. O uso do predicado FROM é problemático, pois pressupõe um argumento 'Place' como local de início da trajetória. Consideremos novamente o verbo *desentortar* em (7). Primeiramente, não há um ponto claro que possa ser tomado como ponto de partida para este evento, já que não há um grau de 'entortamento' final, absoluto, que um objeto possa ter. Podemos considerar que o argumento 'Place' é dado contextualmente, correspondendo ao grau de 'entortamento' apresentado pelo tema ao início do evento. Contudo, nesta sentença, o guidão passa de um estado de 'entortamento' a outro estado de 'entortamento'; ou seja, o guidão não se afasta, com efeito, do estado de estar torto. O que falta aí é uma noção independente que reflita o fato de que o tema está menos torto, já que este é um componente crucial das condições de verdade de (7).

(7) Eu desentortei o quanto eu pude o teu guidão, mas ele ainda está torto.

Este problema talvez seja mais sério no caso de verbos como *desacreditar*, já que aí nem é necessário que haja um estágio em que o indivíduo desacreditado tenha alguma quantidade relevante de crédito para começar. A sentença em (8), por exemplo, não implica que o FMI (Fundo Monetário Internacional) tenha alguma vez tido crédito aos olhos da população brasileira; implica apenas que, na ocasião do enunciado, a instituição apresenta uma falta relevante de crédito.

(8) O FMI é ainda mais desacreditado.

1.4 Recapitulando

Espero ter demonstrado, nesta breve revisão, a inadequação de análises, como a de Medeiros (2010), que enxergam a semântica de *des-* como a negação de uma propriedade ou estado. Especialmente quando essas análises buscam oferecer uma análise transcategorial desse prefixo, falta-lhes um mecanismo que derive os significados distintos que surgem nas diferentes categorias a partir do núcleo semântico proposto. Vimos também, nesta seção, a proposta de Ribeiro (2014), que avança na cobertura empírica ao dar conta também de casos em que a semântica de *des-* não contribui uma negação simples. Observamos, porém, que essa análise apresenta um fraco prospecto de generalização a outras categorias morfossintáticas, dada a sua dependência em relação à estrutura de eventos dos verbos. No que segue, apresento uma análise que amplia a cobertura empírica dos estudos anteriores ao permitir uma generalização controlada da semântica de *des-* a todas as categorias morfossintáticas em que esse prefixo aparece.

2 Estruturas escalares e as restrições sobre a prefixação de *des-*

Iniciemos pelo tratamento de adjetivos graduáveis dado por Kennedy (1999), em que uma sentença contendo um desses predicados é avaliada em termos da relação entre a medida em que um tema apresenta a propriedade denotada pelo adjetivo e uma dada medida padrão. Em (9), vemos o contraste entre um adjetivo não graduável, *móvel*, que contribui à sentença a condição de

que o tema tenha a propriedade de poder ser movido, e um adjetivo graduável, *confortável*, que contribui à sentença a condição de que o tema exceda um padrão de conforto que é contextualmente determinado. Crucialmente, o segundo adjetivo não pode ser interpretado sem referência a um padrão contextual. Isso se coaduna com nossa intuição de que é mais fácil discordar sobre um objeto ser ou não confortável do que sobre ele ser ou não móvel. Naquele caso, a escolha dependerá do padrão contextual selecionado, neste caso, não. Na análise de Kennedy (1999), adjetivos graduáveis denotam funções de medida que projetam o grau em que o tema apresenta uma propriedade sobre uma escala que mede essa propriedade.

- (9) a. Este assento é móvel.
- b. Este assento é confortável.

Em uma primeira aproximação, o prefixo *des-* pode ser adicionado a adjetivos graduáveis, isto é, aos adjetivos que envolvem uma escala de medição. O resultado é um antônimo que mede o grau em que o tema deixa de apresentar a propriedade denotada pelo adjetivo de base — na seção (3), apresento uma formalização desta ideia.

Uma consequência imediata desta interpretação do prefixo *des-* é que ele não deve poder ser adicionado a adjetivos que não sejam associados a uma escala. Esta é uma explicação semântica por que não temos um adjetivo como **desmóvel*, correspondendo ao passo intermediário em (2a), que Silva & Miotto (2009) assumem ser impossível por razões morfossintáticas. Em geral, o sufixo *-vel* cria predicados modais que não envolvem um argumento escalar. Sem esse argumento, tais predicados não são compatíveis com a prefixação em *des-* e, em vez disso, tomam o prefixo *in-*, como em *imóvel*. Interessantemente, o sufixo *-vel* também pode ser usado na formação de adjetivos de caráter mais avaliativo e que, portanto, envolvem uma escala de medição, por exemplo, *aconselhável*, *agradável*, *cabível*, *confortável* e *favorável*. Todos esses casos são compatíveis com prefixação de *des-*. Para adjetivos que ao lado de um sentido avaliativo têm também um uso modal, há, igualmente, alternativa na escolha do prefixo negativo:

(10)a. Andar com aquele cara é desaconselhável.

(sentido avaliativo, não primariamente modal)

b. Aquele cara é inaconselhável (não pode ser aconselhado)

(sentido primariamente modal)

No domínio verbal, o prefixo *des-* é adicionado a predicados verbais que podem ser modelados como envolvendo uma escala ao longo da qual um tema transita durante o curso de um evento, com pontos na escala denotando o grau em que o tema apresenta a propriedade medida pela escala. Essa classe de verbos inclui *achievements* de grau (DOWTY, 1979): *umedecer* e *desumedecer*, *alargar* e *desalargar*, *esvaziar* e *desesvaziar*, *escurecer* e *desescurecer*, etc.; *accomplishments*: *carregar* e *descarregar*, *costurar* e *descosturar*, *provar* e *desprovar*; e *achievements* não graduais: *congelar* e *descongelar*, *pausar* e *despausar*. Verbos que não envolvem alguma medição de mudança ao longo do curso de seus eventos são incompatíveis com *des-*: **desjogar*, **descaminhar*, **desdormir*, **desrir*. Entretanto, alguns verbos que comumente denotam atividades toleram a afixação de *des-* quando podem ser forçados a uma interpretação de predicado escalar. Este é o caso de *ver*, que, na linguagem da internet, ganhou uma forma prefixada, *desver*, para casos em que o usuário gostaria de voltar a um estado anterior, em que não havia visto algo na internet. Esse exemplo sugere que a escala envolvida na interpretação do verbo também pode ser uma que meça uma propriedade do experienciador, quando este é entendido como sendo afetado pelo evento. Outra inovação na criação de predicados escalares, na linguagem da internet, é o caso de *curtir*. Em seu uso comum pré-internet, como verbo psicológico que expressa apenas uma atitude do sujeito experienciador, ele é incompatível com a prefixação em *des-*. No entanto, quando esse verbo passou a ser entendido como uma ação que pode ser executada em um determinado contexto para expressar aprovação em algumas redes sociais, a forma *descurtir* passou a ser possível.

Uma vantagem adicional de assumir que *des-* opera sobre predicados escalares é que é possível prever propriedades da interpretação de predicados vagos a partir da estrutura escalar, e isso se estende às palavras derivadas em *des-*

. Uma dessas propriedades é o padrão usado para determinar se um predicado se aplica a um indivíduo. Como Kennedy (2007) aponta, o padrão marca o grau mínimo requerido para que um tema se destaque em relação ao que é medido pelo predicado. Por exemplo, um adjetivo como *torto* envolve uma escala aberta no seu limite superior, já que não há limite para o quão *torto* um objeto pode ser, mas é fechada em sua ponta inferior, já que é teoricamente possível a um objeto ser perfeitamente reto. A ponta fechada da escala proporciona um ponto natural de transição, de nenhum entortamento para algum grau de entortamento, o que pode ser suficiente para o tema se destacar como *torto*.³ Como resultado disso, *torto* é um adjetivo de padrão mínimo, já que, na ausência de quaisquer modificadores, o padrão contextual usual para a avaliação do entortamento é o ponto já determinado pela estrutura da escala como valor mínimo. Em outras palavras, uma quantidade mínima de entortamento é suficiente para tornar o adjetivo aplicável. Por outro lado, *reto* é um adjetivo de padrão máximo, já que, neste caso, a ponta fechada da escala se refere ao grau máximo de ausência de entortamento. O papel das escalas lexicalmente codificadas na determinação das interpretações usuais de predicados graduáveis é expresso por Kennedy & Levin (2008) no seguinte princípio de Economia Interpretativa.

(11) Economia Interpretativa (Kennedy e Levin 2008)

Maximize a contribuição dos significados convencionais dos elementos de uma sentença no cômputo de suas condições de verdade.

No caso de achievements de grau, se estamos medindo algum grau de mudança relativa a um padrão, e se a medida de mudança é feita sobre a mesma escala envolvida na interpretação do adjetivo correspondente, então capturamos algumas das características da telicidade desses verbos diretamente. Por exemplo, *entortar* tem uma interpretação básica atélica porque não há grau máximo de entortamento que possa ser atingido. O padrão a partir do qual o entortamento é avaliado é dado contextualmente e, na ausência de qualquer

³ Uso a palavra “entortamento” aqui para me referir à propriedade de estar *torto*, sem que isso implique a existência de um evento que tenha levado um objeto a essa condição.

modificador, corresponde geralmente ao grau de entortamento que o tema apresentava antes do evento. *Endireitar*, por outro lado, tem uma interpretação usual tética, já que o padrão de comparação do adjetivo correspondente é o valor mínimo da escala de entortamento, fechada na sua ponta inferior. Nessa interpretação usual, um evento de endireitar se dá quando o tema atinge esse valor mínimo de entortamento. A telicidade se segue da herança da estrutura escalar da base adjetival pelo verbo.

Essa estrutura é herdada também pela forma prefixada em *des-*. Assim, um evento de desentortar é realizado por um afastamento do padrão contextual de entortamento, normalmente determinado pelo grau de entortamento do tema antes do início do evento, em direção ao ponto mínimo da escala. Qualquer afastamento desse padrão na direção do ponto mínimo da escala conta como um evento de desentortamento, porém, em muitos contextos, há a expectativa de que o tema chegue ao fim da escala — a um estado de ausência de entortamento —, o que, contudo, parece ser fruto de reforço pragmático, o que não exploraremos neste artigo. Um evento caracterizado por *desendireitar*, entretanto, é realizado por um afastamento do ponto mínimo da escala de entortamento. Isso implica que a interpretação desse verbo não seja tão sensível ao contexto quanto à de *desentortar*.

Temos agora, também, uma explicação de por que não há bloqueio entre *desentortar* e *endireitar*. O verbo *endireitar* é associado ao padrão lexicalizado pelo adjetivo *direito*, que se refere ao ponto mínimo da escala de entortamento. Para que um evento seja caracterizado por esse verbo é necessário que se atinja esse ponto, com alguma folga permitida pelo contexto. *Desentortar*, por seu turno, pode caracterizar qualquer movimento ao longo da escala infinita de entortamento, desde que esse movimento seja de aproximação ao ponto mínimo. O tipo de semântica proposta por Medeiros (2010) teria como previsão o bloqueio morfológico neste caso, já que *desentortar*, naquela análise, acarretaria a realização de um estado de 'não torto', sinônimo de 'direito'.

3 Uma semântica unificada para *des-*

Adoto aqui o tratamento da polaridade adjetival de Kennedy (1999), que considera que as funções de medida que caracterizam adjetivos positivos e negativos têm imagens disjuntas. Objetos são projetados sobre escalas, definidas como conjuntos de pontos infinitos e totalmente ordenados. Assim, por exemplo, um objeto x pode ser mapeado numa escala de altura no ponto correspondente a 170cm. Este mapeamento gera uma extensão positiva, correspondente a todas as alturas menores ou iguais a 170cm (as alturas que x apresenta), e uma extensão negativa, correspondente a todas as alturas acima dessa marca (alturas que x não apresenta). A intuição é de que adjetivos positivos como *alto* denotam funções de medida que operam sobre a extensão positiva da escala, ou seja, sobre os graus de altura que um objeto tem, ao passo que adjetivos negativos denotam funções que operam sobre a extensão negativa da escala, ou seja, sobre os graus que o objeto não tem.

Adjetivos graduáveis, portanto, denotam funções de medida de tipo (e, d) , ou seja, funções de objetos para graus em uma escala. Contudo, já que o uso desses predicados sempre envolve a comparação com um padrão, e como nem sempre há um modificador para suprir esse padrão, como em *alto como Michael Jordan*, algum mecanismo se torna necessário para introduzi-lo na composição semântica. O tratamento usual é o dado por Kennedy & Levin (2008), em que um morfema fonologicamente vazio introduz um padrão *default* apropriado ao predicado em questão, como em (12).

$$(12) \text{pos} = \lambda g \in D_{(e,d)} \lambda t \lambda x. g(x)(t) \geq \text{stnd}(g)$$

Seguindo Kennedy (2001), considero que graus não são pontos, mas intervalos em uma escala; mais precisamente, são subconjuntos de uma escala que apresentam a seguinte propriedade: $\forall p_1, p_2 \in d, \forall p_3 \in S[p_1 < p_3 < p_2 \rightarrow p_3 \in d]$. As relações de ordenamento entre graus são definidas como em Kennedy (2001, p. 54):

(13) $\forall d_1, d_2 \in D$:

a. $d_1 > d_2 \Leftrightarrow d_1 \cap d_2 = d_2 \ \& \ d_1 \neq d_2$

b. $d_1 < d_2 \Leftrightarrow d_1 \cap d_2 = d_1 \ \& \ d_1 \neq d_2$

c. $d_1 \geq d_2 \Leftrightarrow d_1 \cap d_2 = d_2$

Assumo uma versão das funções de diferença de Kennedy e Levin (2008), adaptada para uma semântica de graus baseada em intervalos. Como uma função de medida m é entendida aqui como uma função que retorna, para um dado objeto, um intervalo definido sobre a escala associada à função de medida, uma função de diferença correspondente, m_d^\uparrow , nesta abordagem, tem como resultado a diferença entre dois graus projetados na escala relevante: um grau arbitrário d (o padrão de comparação) e o grau correspondente à projeção do objeto na escala. A diferença entre esses dois conjuntos é representada como um intervalo.

(14) *Funções de diferença* (formulação adaptada de Kennedy e Levin (2008))

Para uma função de medida m de objetos e tempos para graus em uma escala S , e para qualquer d em S , m_d^\uparrow é uma função como m , exceto que:

i. sua imagem está em $\{d' \in S \vee d \leq d'\}$, e

ii. para qualquer x, t no domínio de m , se $m(x)(t) \leq d$ então $m_d^\uparrow(x)(t) = d$.

Consideremos a definição de medidas de mudança de Kennedy e Levin (2008, p. 173), com algumas modificações:

(15) *Medida de mudança*

Para uma função de medida m , $m_\Delta \lambda x \lambda e. m_{m(x)(\text{inicio}(e))}^\uparrow(x)(\text{fim}(e))$

Estas funções de medida combinam-se com a morfologia de grau como esperado. Seguindo Piñón (2005), Kennedy e Levin (2008) assumem que a forma positiva, não modificada, de um verbo refere-se a um padrão introduzido por um morfema de grau pos_v , a que podemos atribuir a semântica em (16), adaptada de Kennedy e Levin (2008, p. 174), onde $D_{(e, (v, d))}$ representa o domínio das funções

de medida de mudança—funções que mapeiam indivíduos a funções que mapeiam eventos a graus.

$$(16) \text{pos}_v = \lambda g \in D_{(e,(v,d))} \lambda x \lambda e. g(x)(e) \geq \text{stnd}(g)$$

O fato de que *stnd* é relativizado à função de medida de grau que é dada como argumento de pos_v é crucial quando somado ao fato de que funções associadas a predicados positivos e funções associadas a suas contrapartes negativas são distintas. Isto é porque os padrões de comparação envolvidos na interpretação de verbos em um par de antônimos formado por *des-* costumam diferir em termos de sua sensibilidade ao contexto, como resultado de diferenças em suas estruturas escalares. Já vimos, por exemplo, que no caso da escala de entortamento, fechada em sua ponta inferior e aberta em sua ponta superior, qualquer movimento perceptível na direção da ponta superior descreve uma mudança de função associada com *entortar*, o verbo positivo, e tende a contar como um evento de entortamento. Na ausência de modificadores como *25 graus* ou qualquer pressão contextual, não há ponto de referência na escala que possa servir como estado alvo. Há, no entanto, um ponto de referência para o início do evento de entortamento, como previsto pelo fato de que a função de medição de mudança toma o grau de entortamento que o tema tinha ao início do evento e mede qualquer desvio daquele ponto na direção relevante. Portanto, este verbo tende a receber uma interpretação de padrão mínimo.

Por outro lado, o padrão utilizado para um evento de desentortar tende a ser afetado pelo minorante da escala de entortamento. Kennedy e Levin (2008) apontam que, dado o princípio de Economia Interpretativa (11), as propriedades escalares lexicais do verbo, na ausência de fatores contextuais mais fortes, tomam precedência na determinação do padrão de comparação. Assim, *desentortar* tende a receber uma interpretação télica — que não é, contudo, acarretada, como a análise de Medeiros (2010) sugere. Além disso, entre as interpretações télicas deste predicado, há bastante dependência em relação ao contexto na fixação do padrão relevante. Note-se que o grau de desentortamento que torna um enunciado de 'x desentortou y' exitoso depende normalmente de qual é o estado

usual de y . Por exemplo, uma colher normalmente não é um objeto reto. Ainda assim, uma colher pode ser entortada e, posteriormente, desentortada a um grau que, ainda que não seja exatamente reto, é o final da escala tomada como relevante para um evento exitoso de desdobramento de uma colher.

Temos agora condições de chegar a uma formalização da contribuição semântica do prefixo *des-*. A definição em (17) estabelece que, dada uma função de medida do domínio $D_m = D_{(e,(i,d))} \cup D_{(e,(e,d))}$, a operação semântica associada com *des-* retorna a contraparte negativa dessa função de medida, isto é, a função que opera sobre a extensão negativa da mesma escala associada com a função de medida tomada como input.

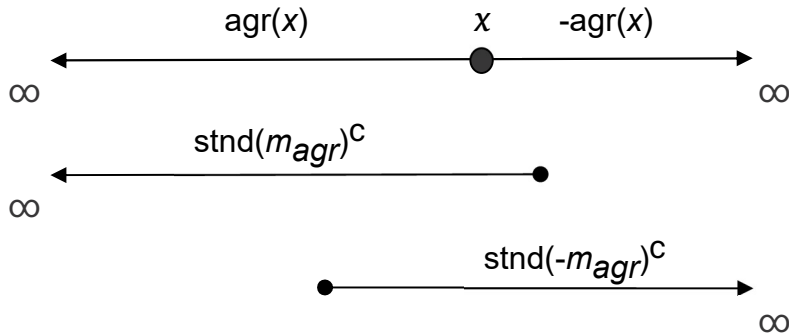
$$(17) \llbracket \text{des} \rrbracket \lambda f \in D_m. -f$$

Nas próximas subseções, ilustrarei como essa análise funciona quando aplicada a adjetivos, verbos e substantivos. Como se pode antecipar, precisaremos de mecanismos adicionais para dar conta de substantivos prefixados por *des-*, já que bases nominais não são normalmente associadas a funções de medida.

3.1 Adjetivos

Em (18), temos um tema x mapeado sobre uma escala de agradabilidade, associada ao adjetivo *agradável*. Diferentemente de adjetivos cujas escalas se correlacionam mais diretamente com escalas naturais, como *alto*, o mapeamento de x na escala de agradabilidade é muito mais sensível ao contexto, dependendo, por exemplo, de quem é a pessoa que julga a agradabilidade de x . Chamemos a função de medida associada a esse adjetivo de m_{agr} . A extensão definida por $\mathbf{stnd}(m_{\text{agr}})^c$ nos dá o grau de agradabilidade necessário para que um indivíduo seja julgado agradável no contexto c . Neste contexto, vemos que x não poderia ser descrito como agradável, já que pela definição em (13c), vemos que não é o caso que $\text{agr}(x) \geq \mathbf{stnd}(m_{\text{agr}})$, já que $\text{agr}(x) \cap \mathbf{stnd}(m_{\text{agr}}) = \text{agr}(x) \neq \mathbf{stnd}(m_{\text{agr}})$.

(18) Agradabilidade:



A prefixação de *des-* a *agradável*, resultando em *desagradável*, tem o efeito definido em (17), ou seja, retorna a contraparte negativa da função de medida m_{agr} , que representamos como $-m_{agr}$. Essa função de medição inversa, aplicada a x , retorna o grau em que x não possui a propriedade da agradabilidade. Ou, em outras palavras, todos os graus de agradabilidade que x não possui. As extensões positiva e negativa de um objeto na escala são complementares, no sentido de que o ponto máximo da extensão positiva e o ponto mínimo da extensão negativa são o mesmo ponto. Em geral, portanto, para qualquer objeto x e qualquer função de medida m sobre uma escala S , temos que $m(x) \cup -m(x) = S$, mas $m(x) \cap -m(x) = d(x)$, onde $d(x)$ representa o ponto em que x é projetado na escala.

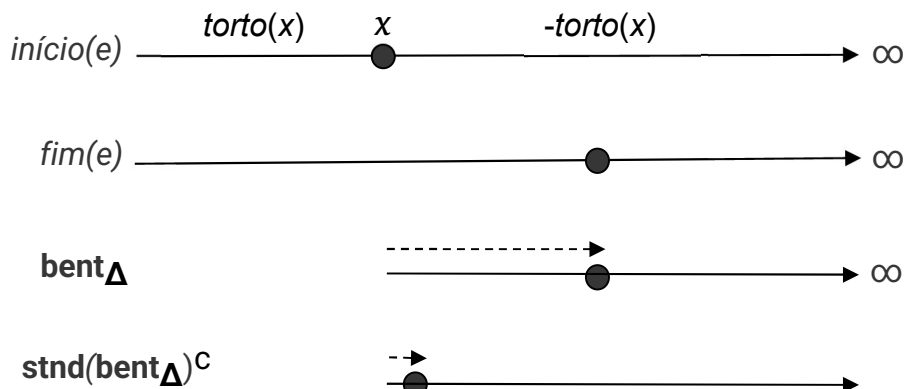
Crucialmente, na semântica de grau baseada em intervalos adotada aqui, as extensões positiva e negativa nos dão perspectivas diferentes sobre a escala. Isso permite que o padrão contextual de desagradabilidade seja diferente do padrão contextual de agradabilidade. Assim, no contexto aqui representado, ainda que x não possa ser descrito como agradável, vemos que ele também não pode ser descrito como desagradável, já que não é o caso que $-agr(x) \geq \mathbf{stnd}(m_{agr})$. Este é um resultado importante, já que, como vimos nas seções 1.1 e 1.2, a prefixação em *des-* no português normalmente gera pares contrários, de modo que o fato de que um dos adjetivos do par não se aplica não acarreta que o seu antônimo se aplique.

3.2 Verbos

Para a semântica dos verbos, como exposto em (15), para qualquer função de medida \mathbf{m} , há uma função de medida de mudança \mathbf{m}_Δ , representando a ideia intuitiva de que medir o grau em que um objeto tem certa propriedade em diferentes pontos de um evento nos dá uma medida do quanto o objeto mudou ao longo da escala associada com essa propriedade. A associação entre funções de medida e funções de medida de mudança conecta a semântica dos *achievements* de grau à de seus núcleos adjetivais. No caso de *achievements* de grau que não são deadjetivais, siga Deo, Francez e Koontz-Garboden (2013) ao assumir que sua semântica lexical (e crucialmente, no caso em questão, sua função de medida de mudança) se baseia numa função de medida que apenas não é lexicalizada por nenhum adjetivo com a mesma raiz do verbo. A função de medida pode ser lexicalizada por formas participiais ou adjetivais morfologicamente derivadas desses verbos, ainda que essa função esteja também envolvida na interpretação do verbo primitivo. Nesses casos, é o particípio ou adjetivo que herda a escala do verbo primitivo.

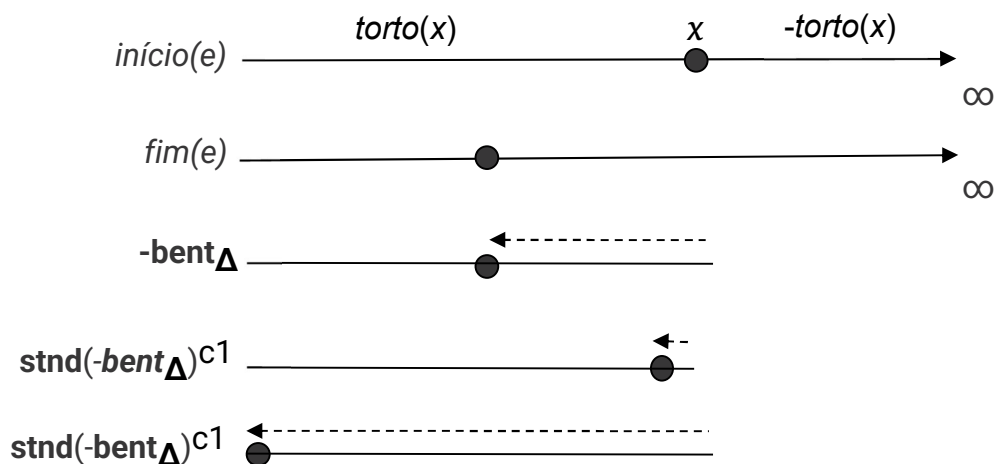
Ilustramos esta análise com o verbo *entortar* no seguinte contexto. No início do evento, o tema x é mapeado na escala como de costume, e ao fim do evento de entortar, o tema apresenta um grau mais alto de entortamento, como medido por $fim(e)$. A função de medida de mudança \mathbf{bent}_Δ é computada sobre uma parte da escala de entortamento, tomando como seu valor mínimo o grau de entortamento que o tema tinha ao início do evento. Refletindo o fato de que, normalmente, *entortar* funciona como um predicado de padrão mínimo, podemos dizer que $\mathbf{stnd}(\mathbf{bent}_\Delta)^c$ refere-se a um movimento muito pequeno ao longo da escala, o suficiente para que o evento conte como um exemplo de entortamento. Como discutido acima, essa interpretação não marcada de *entortar* se segue do fato de que a escala de entortamento é fechada em sua ponta inferior. Claramente, neste caso, *entortar* pode ser usado para descrever o evento, já que $\mathbf{bent}_\Delta(x)(e) \geq \mathbf{stnd}(\mathbf{bent}_\Delta)$ no contexto c .

(19) *entortar* x (escala de tortidão)



Entretanto, é claro, estamos interessados em compreender o efeito da prefixação de *des-* a este verbo, formando sua contraparte *desentortar* em (20). Consideremos dois padrões contextuais distintos de tortidão: em $c1$, uma pequena quantidade, perceptível, de desentortamento é suficiente para contar como um evento desse tipo. Neste contexto, a mudança a que x foi submetido pode ser descrita pelo predicado *desentortar*, já que $\text{-torto}_\Delta(x)(e) \geq \text{stnd}(\text{-bent}_\Delta)^{c1}$. Em $c2$, no entanto, temos um padrão mais exigente de desentortamento. Como discutido na seção 3, em muitos contextos, *desentortar* recebe uma interpretação télica, visto que qualquer mudança que aumente a extensão negativa sobre a escala de entortamento ocorre em uma subescala que é fechada em seu término, como resultado do fato de que a escala de entortamento é fechada em sua ponta inferior. O contexto $c2$ reflete esta interpretação. Assim, a mudança observada no evento e não pode ser descrita por *desentortar*, neste contexto, porque não é verdade que $\text{-torto}_\Delta(x)(e) \geq \text{stnd}(\text{-bent}_\Delta)^{c2}$.

(20) *desentortar x* (escala de entortamento)



Esse exemplo mostra que padrões de comparação podem ser negociados pelos usuários da língua, variando de contexto para contexto, permitindo ainda que usuários da língua atualizem o contexto em tempo real, adequando o uso de predicados graduais a seus interesses. Assim, um falante pode protestar dizendo que seu interlocutor não desentortou um guidão como havia prometido, já que ele ainda está significativamente torto. A isto, o interlocutor pode responder que, de fato, desentortou o guidão, até onde pode, ainda que ele não esteja completamente reto.

3.3 Substantivos

Diferentemente de adjetivos graduais e de verbos de mudança de estado, substantivos não são normalmente vistos como envolvendo gradação nas suas interpretações. Contudo, reconhece-se pelo menos desde Sapir (1944) que em alguns casos, membros dessa categoria morfossintática podem apresentar gradabilidade. Isso pode ser visto no português na compatibilidade de alguns substantivos com modificadores de grau. Em (21), por exemplo, *grande prefeito* e *grande desprefeito* não denotam indivíduos necessariamente grandes em qualquer dimensão física. Em vez de extensão física, esses modificadores atuam sobre o grau em que um objeto tem as propriedades que caracterizam bons

membros da classe relevante, neste caso, quaisquer propriedades que um bom (ou mau) prefeito deve ter.

- (21) a. um grande prefeito
- b. um grande despfeito

O problema que se coloca, é claro, é como extrair graduabilidade de uma denotação nominal, já que substantivos como *prefeito* tradicionalmente denotam conjuntos de indivíduos ou, de forma equivalente, funções de indivíduos para valores de verdade, não se referindo, portanto, a funções de medição. Para contornar esse problema, Morzycki (2009) assume que alguns substantivos são lexicalmente associados a dimensões de medida que podem ser recuperadas quando necessário. Suponhamos, então, uma função **dim** que retorna o conjunto de dimensões de avaliação associadas a uma determinada expressão em um dado contexto, como no exemplo (22).⁴

- (22) a. **dim(prefeito)^c** = { integridade, acerto da política econômica }

Ainda que haja escalas de avaliação disponíveis para alguns substantivos, a interpretação usual de membros dessa classe morfossintática ainda é a de função característica de um conjunto de indivíduos. Portanto, para garantir que essas palavras possam receber uma interpretação gradual quando ela for necessária, podemos assumir a existência de uma função de mudança de tipo que

⁴ Note-se que a fonte da escala, no caso de substantivos, não precisa ser lexical. O importante é que uma escala adequada possa ser recuperada do contexto. Essa parece ser uma diferença crucial entre o caso dos substantivos e o dos adjetivos e verbos: na interpretação de *torto* e *entortar*, por exemplo, a escala relevante é fornecida pela raiz, ao passo que, na interpretação de *(bom) prefeito*, a escala de avaliação do que conta como um bom prefeito é contextualmente determinada. E é nesta diferença de disponibilidade de uma estrutura escalar que pode estar a diferença de produtividade de *des-* entre essas categorias morfossintáticas. Ou seja, sem uma escala lexicalmente disponível, e havendo necessidade de enriquecimento contextual, no caso da interpretação escalar de substantivos, é esperado que a operação de inversão de escala da prefixação em *des-* seja mais rara nos substantivos.

retorna uma função de medição sobre uma escala apropriada para a denotação do substantivo de base. Apresento uma formulação dessa função em (23), em que cf é uma função-escolha, ou seja, uma função que toma um conjunto como argumento e retorna algum dos elementos desse conjunto.

$$(23) \mathbf{Eval}_{((e,t),(e,(i,d)))} = \lambda P_{(e,t)} \lambda x \lambda t. \mu(cf(P))(x)(t)$$

Aplicada a uma denotação de tipo (e, t) , esta função resulta em uma função de tipo $D_m = D_{(e,(i,d))}$ – uma função de objetos e tempos para graus em uma escala –, que pode ser tomada como input pela função denotada por *des-* em (17). Com efeito, podemos pensar que **Eval** se aplica para resolver a inconsistência entre o tipo semântico do substantivo e o tipo exigido pelo prefixo, que requer uma função de medição como argumento.

O resultado da aplicação de $\llbracket des \rrbracket$ ao output de **Eval** é a contraparte negativa da medição de função $\mu(P)$, isto é, $-\mu(P)$, que mede o grau em que um objeto não apresenta a propriedade medida pela escala S obtida pela função escolha de μ . Evidentemente, no entanto, o resultado dessas operações não é uma denotação nominal de tipo (e, t) . Portanto, precisamos de outra operação de mudança de tipos semelhante a **pos** e **pos_v** para resolver a incompatibilidade de tipos resultante do uso de um substantivo em *des-* num contexto nominal usual. É o que vemos em (25).

$$(25) \mathbf{pos}_n = \lambda \mu_{(e,(i,d))} \lambda x. \mu(x) \geq stnd(\mu)$$

Visto que estamos novamente lidando com uma função **stnd**, que retorna padrões de comparação distintos a depender da polaridade da função de medição, **pos_n**, assim como vimos com **pos** e **pos_v**, dá origem a diferentes perspectivas sobre o grau em que uma entidade satisfaz ou não alguma propriedade relevante característica do substantivo base. Essa sensibilidade à polaridade da função de medição dá origem ao contraste de significado observado em (21), em que o modificador de grau *grande* requer um alto grau positivo de satisfação de uma

propriedade relevante no caso de *prefeito*, o substantivo positivo, e um alto grau negativo (de não satisfação) no caso de *desprefeito*.

O uso de duas funções de modificação de tipo cuja composição leva ao mesmo tipo semântico inicial, (*e*, *t*), pode parecer suspeito, mas **Eval** é motivado pelos dados de interpretação que vimos, em particular pelo fato de que o uso de alguns substantivos requer que obtenhamos um significado escalar para eles; e algo como **pos_n** parece ser independentemente necessário na língua, dado que adjetivos graduáveis podem ser facilmente nominalizados (por derivação zero) no português, com um significado que pode ser descrito como o conjunto de pessoas que satisfazem a propriedade denotada pelo adjetivo base, pelo menos na medida de um certo padrão contextual. Esse tipo de nominalização dá origem a inúmeros substantivos deadjetivais, como os exemplos em (25).

(25) um contente; o bom; o feliz; o alto; um chato...

4 Conclusão

Este artigo apresentou uma análise formal da semântica de *des-* que deriva suas variadas interpretações de uma operação semântica compatível com palavras de diferentes categorias morfossintáticas. A demonstração de que tal análise não é apenas factível, mas desejável e capaz de dar conta de um amplo espectro de fatos empíricos sobre o uso deste prefixo, enfraquece consideravelmente o argumento de Silva e Miotto (2009) de que a sequência fonológica *des* corresponderia a afixos homônimos com exigências estritas de subcategorização.

Vimos também que a abordagem aqui apresentada tem uma cobertura empírica maior que análises anteriores que assumiam ou uma denotação uniforme para derivar as diferentes interpretações que surgem quando *des-* é adicionado a diferentes categorias, como em Medeiros (2010), ou assumiam uma operação semântica dependente demais de propriedades de apenas uma das categorias morfossintáticas relevantes, como em Ribeiro (2014). Entretanto, esses trabalhos trouxeram, respectivamente, uma análise em que a prefixação de *des-* leva à negação de um estado e uma em que leva à reversão de um processo.

Essas percepções foram importantes e são mantidas neste trabalho. Contudo, vimos que essas propriedades não são definidoras da semântica desse prefixo. São, como espero ter demonstrado, efeitos de uma operação semântica mais básica sobre um componente escalar que é compartilhado por predicados de diferentes categorias morfosintáticas.

Referências

- DEO, A. S.; FRANCEZ, I.; KOONTZ-GARBODEN, A. From change to value difference. *Semantics and Linguistic Theory*, v. 23, n. 0, p. 97–115, 24 ago. 2013.
- DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTO*. [s.l.] Reidel, 1979.
- KENNEDY, C. *Projecting the adjective: the syntax and semantics of gradability and comparison*. : Outstanding dissertations in linguistics. New York, NY [u.a.] Garland, , 1999.
- KENNEDY, C. Polar Opposition and the Ontology of 'Degrees'. *Linguistics and Philosophy*, v. 24, n. 1, p. 33–70, fev. 2001.
- KENNEDY, C. Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 30, n. 1, p. 1–45, 1 fev. 2007.
- KENNEDY, C.; LEVIN, B. Measure of change: The adjectival core of degree achievements. Em: MCNALLY, L.; KENNEDY, C. (Eds.). *Adjectives and adverbs: Syntax, semantics and discourse*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 156--182.
- MEDEIROS, A. B. DE. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo des-. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 2, 2010.
- MEDEIROS, A. B. DE. Prefixos, Recursividade e a Estrutura do Sintagma Verbal. *Revista do GEL*, v. 13, n1, p. 56-86, 2016.
- MORZYCKI, M. Degree Modification of Gradable Nouns: Size Adjectives and Adnominal Degree Morphemes. *Natural Language Semantics*, v. 17, n. 2, p. 175–203, 2009.
- PIÑÓN, C. Adverbs of Completion in an Event Semantics. Em: VERKUYL, H. J.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). *Perspectives on Aspect*. Studies in Theoretical Psycholinguistics. Dordrecht: Springer Netherlands, 2005. p. 149–166.

RIBEIRO, P. N. *Revisitando a semântica conceitual de Jackendoff*: um estudo sobre a semântica verbal no PB sob a perspectiva da hipótese locacional. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SAPIR, E. Grading, A Study in Semantics. *Philosophy of Science*, v. 11, n. 2, p. 93–116, 1944.

SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, v. 7, n. 12, p. 23, 2009.